



CPO

*“A dimensão missionária da nossa identidade carismática
na Igreja e no mundo de hoje”*

INSTRUMENTUM LABORIS



IX Conselho Plenário da ordem

"A dimensão missionária da nossa identidade carismática na Igreja e no mundo de hoje"

A Logo

O design adota um estilo geométrico-minimalista, pensado para ser versátil seja no papel carta como digital. As cores escolhidas se ajustam à identidade gráfica do caminho em direção ao V Centenário da Reforma Capuchinha, garantindo uma forte continuidade visual.

Cada elemento contém um significado preciso:

- **As formas e as cores:** Os dois frades de mãos dadas representam a "Colaboração Fraterna". Os diferentes tons de marrom de seus hábitos representam a universalidade e os diversos estilos de vida dos capuchinhos.
- **A letra "M":** O espaço negativo central entre as duas figuras forma um "M", símbolo da Missão.
- **O cordão em arco:** este elemento que abraça a composição representa a fraternidade universal e o tema dedicado à Fraternidade internacional São Lourenço de Bríndisi.
- **Os textos:** As siglas "IX" e "CPO" foram inseridas para anunciar em modo inequívoco o evento.

Comissão Preparatória do IX CPO

SUMÁRIO

Logo

Apresentação

A missão na Ordem

1. Uma chave hermenêutica
2. Desidério da missão: a vitalidade do carisma
3. O posto real dado à missão: disponibilidade e limites
4. As razões que limitam a abertura missionária
5. Perspectivas: o carisma missionário e sua transmissão profética
6. O despertar da paixão missionária: da teoria à prática

A Colaboração Fraterna na Ordem

1. Introdução
2. Coração pulsante na nossa identidade
3. Além dos confins. A Profecia da Colaboração Fraterna
4. Da formação à missão
5. Da lógica da emergência à cultura da sistemática. Linhas guias para a Ordem
6. Análises das esperanças, das condições e dos temores dos frades de frente à chamada universal
7. A Colaboração como fruto de vida
8. Conclusão

As Fraternidades São Lourenço de Bríndisi na Ordem

1. Introdução
2. A idéia das FSL e como isso foi compreendido pelos irmãos da Ordem.
3. Frutos já visíveis e frutos esperados para o futuro da Ordem
4. Riscos, dúvidas e desafios que precisam ser levados em consideração
5. Perspectivas das FSL para reavivar o nosso carisma na Ordem
6. As FSL no próximo CPO: laboratório prático para viver missão e colaboração na Ordem

Apresentação

Vivemos um tempo de graça. Depois de celebrarmos vários centenários franciscanos, caminhamos agora para o quinto centenário da Reforma Capuchinha. Um programa intensivo foi desenvolvido para nos ajudar a acolher este momento histórico como uma oportunidade propícia para a renovação espiritual. Esta renovação é motivada pelo fato de sermos uma Reforma que se reforma constantemente. Neste caminho, desejamos reacender nossa identidade carismática e continuar sendo uma voz profética para o mundo, no coração da Igreja, partindo dos valores de nossa espiritualidade e de nosso carisma.

Neste percurso rumo ao 500º aniversário de nossa Ordem, entre os muitos eventos preparatórios, está a convocação do IX CPO, que tem a Missão como tema central. A reapresentação deste tema, visto que o III CPO em 1978 abordou o mesmo tópico, decorre da consciência de que o mundo, a cultura e o processo de evangelização da Igreja mudaram significativamente. Mesmo a própria Ordem já não é a mesma, como é evidenciado pelo número de frades e sua distribuição geográfica.

Uma Comissão Preparatória foi estabelecida em preparação para o IX CPO. Ela foi concebida como uma Comissão relativamente pequena, mas cujo trabalho preliminar consideraria todas as áreas em que estamos presentes, primeiro por meio dos Conselheiros Gerais e depois consultando os frades de todas as Conferências. A primeira tarefa da Comissão foi encontrar uma maneira de ouvir todos os frades. Três textos curtos foram elaborados sobre Missão, Colaboração e as Fraternidades São Lourenço, cada um acompanhado de um questionário a ser preenchido e enviado à Comissão.

Havia três maneiras de responder às perguntas: como Circunscrição, como fraternidade e individualmente. Assim, o material recebido pela comissão foi muito extenso, demonstrando forte participação de toda a Ordem. Estatisticamente, estes são os números: 59 Circunscrições, 118 fraternidades e 31 frades individuais responderam aos questionários.

A Comissão, em estreita colaboração com as secretarias de Missão, Formação, Comunicação e Estatística, realizou uma análise inicial de todo o material recebido, propondo uma síntese que abrangesse todas as informações e ideias apresentadas. Com base nessa síntese, a Comissão desenvolveu então um *Instrumentum laboris*.

O *Instrumentum laboris* é um texto que reúne as opiniões dos frades sobre os temas que serão abordados no IX CPO. Trata-se de um texto conciso que busca ser o mais fiel possível ao material recebido dos frades pela Comissão, oferecendo também reflexões que podem auxiliar na preparação contínua para o IX CPO. Não se tratam de propostas, que serão de responsabilidade do próprio CPO, mas sim de um resumo dos pensamentos dos frades sobre o tema central do encontro. O texto levanta diversas questões, desafios e esperanças, algumas das quais podem suscitar opiniões conflitantes ou inconvenientes, mas que nos ajudarão a refletir mais profundamente e a nos prepararmos de forma mais adequada para este grande evento de nossa Ordem.

Com o Instrumentum laboris, transmitimos a toda Ordem o sentimento dos frades expressos em suas respostas aos questionários enviados. No entanto, não queremos que este material permaneça meramente um texto informativo. É uma ferramenta de trabalho destinada a continuar envolvendo todos os frades na preparação para o IX CPO. Por este motivo, pedimos às Circunscrições que organizem pelo menos um Capítulo local em cada fraternidade para refletir sobre este material. E se houver novas contribuições consideradas importantes para o CPO, a Circunscrição poderá encaminhá-las aos delegados da Conferência que participarão do evento.

Os delegados que participarem pessoalmente do IX CPO são solicitados a estudar minuciosamente o Instrumentum laboris. Não apenas este instrumento, mas também todo o material que a Ordem já possui sobre o tema Missão, Colaboração e a Fraternidade São Lourenço. Isso lhes permitirá chegar ao CPO bem preparados e oferecer uma reflexão inteligente, madura e clara que se materializará nas propostas desenvolvidas durante o encontro em Roma, em outubro próximo.

A missão na Ordem

1. Uma chave hermenêutica

"Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo" (Mt. 28, 19-20).

"Em nossa Fraternidade apostólica, todos somos chamados a levar a boa nova da salvação àqueles que não creem em Cristo, em qualquer continente ou região em que se encontrem; portanto, todos nos consideramos missionários" (Const. 176,1).

"A contribuição específica da atividade missionária capuchinha se realiza por meio da coerência pessoal e comunitária com o nosso carisma como frades e menores, que consiste em encarnar existencialmente o Evangelho, revelando, com alegria e simplicidade, o amor do Pai pelos homens. Ser autêntico para ser credível." (III CPO, 12).

2. Desidério de missão: a vitalidade do carisma

Premissa: o desidério missionário é vivo na Ordem e para a maior parte dos frades é a alma da mesma vocação capuchinha. A missão não é apenas parte fundamental do trabalho pastoral da Ordem, mas também parte do que significa ser um frade Capuchinho. Ser Capuchinho significa ser missionário. Vamos tentar resumir as respostas sobre o *Desidério*.

"Nossa Ordem assume como sua a tarefa de evangelizar, que pertence a toda a Igreja, valorizando a atividade missionária e tomando-a entre seus principais compromissos apostólicos, para contribuir com a renovação e edificação do Corpo de Cristo" (Const. 175,5).

Pelas respostas recebidas, fica claro que a grande maioria dos frades nutre um desejo missionário e reconhece que a missão é parte essencial do carisma da Ordem. Para muitos irmãos, a missão é a própria essência de sua vocação. De fato, aproximadamente 65% dos irmãos expressam um desejo profundo e radical de missão: eles veem sua vocação como uma resposta missionária ao chamado de Deus. Para esses frades, a razão de serem missionários reside na necessidade e no mandato evangélico de aproximar Cristo da humanidade e a humanidade de Deus. A motivação é, portanto, teológico-bíblica, ou seja, cumprir o mandamento do Senhor que disse: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura» (cfr. Mc 16,15).

Aproximadamente 25% dos frades nutrem um desejo missionário e veem sua vocação como um chamado missionário. Ao mesmo tempo, esses frades, embora conscientes de que a missão é parte fundamental da identidade capuchinha, também reconhecem as condições que, em última análise, sufocam esse desejo, como as preocupações com a manutenção das estruturas, uma formação quase inteiramente voltada para o ministério sacramental e um estilo de vida muito confortável.

Apenas 10% dos frades, embora reconheçam a importância da dimensão missionária da Ordem, não se sentem chamados à missão. Para eles, a missão é uma vocação específica e pessoal; reconhecem a necessidade de um despertar missionário, mas, ao mesmo tempo, não se mostram dispostos a participar da missão como missionários. Isso evidencia a falta de um senso de pertencimento entre alguns irmãos — e até mesmo entre algumas Circunscrições — em relação à vida missionária da Ordem.

As respostas destacaram duas motivações fundamentais relacionadas às aspirações missionárias: a obediência ao mandato de Cristo (motivação teológica) e a prática da caridade para com os pobres (motivação carismática). É por meio da obediência que a vontade de Deus se realiza, e isso requer escuta atenta à voz do Senhor, ou seja, uma vida de oração e intimidade com Deus. O serviço aos mais pobres transmite essa dimensão fundamental do carisma franciscano-capuchinho, em que uma vida de pobreza se traduz em uma doação de si verdadeiramente livre e generosa. A obediência evangélica exige ir "onde ninguém quer ir", enquanto a pobreza exige viver "pobre entre os mais pobres". Essa pobreza permite que a obediência seja um ato verdadeiramente livre e não se limite ao cumprimento de um ato canonicamente legal.

O mandato da obediência evangélica – ir a todos os lugares, especialmente aos mais necessitados – ainda está muito presente na imaginação e na vida de fé dos frades. O mesmo pode ser dito do carisma da Ordem em sua dimensão de exercer a caridade, especialmente para com os mais necessitados. A missão ainda é vista pela maioria nessa estreita relação com o anúncio do Evangelho, mas esse anúncio é acompanhado de ação prática, cuidando dos mais pobres.

Muitos frades reconhecem que o carisma Capuchinho nasceu de forma itinerante. A missão é vista como a identidade do frade Capuchinho, inseparável de sua vida espiritual e fraterna. De fato, a missão tem sido entendida como intimamente relacionada à vida espiritual desde o seu início. Para muitos frades, ela surge de um encontro pessoal com Deus. Obedecer é escutar e abandonar-se à vontade de Deus. Assim, pode-se dizer que a missão nunca é um projeto pessoal, no sentido de uma busca pela autorrealização pessoal, mas sim um chamado e uma resposta.

Outro fator que muitos frades percebem como intimamente ligado à missão é a vida fraterna. Este aspecto já distingue a missão da Ordem de outros Institutos. É na fraternidade que se nutre o desejo missionário. É da fraternidade que o desejo missionário deriva sua credibilidade. Uma vida fraterna fraca desacredita o impulso missionário ("pregar pelo exemplo"). Aqui entra em jogo o aspecto do testemunho: anuncia-se ao mundo o que se vive. A missão capuchinha — que é um envio a proclamar o Evangelho — requer uma coerência autêntica entre a proclamação e a vida concreta. É por isso que, segundo a maioria dos frades, o testemunho deve ser o fundamento da ação missionária. É o testemunho que dá credibilidade ao Evangelho. Desta forma, a fraternidade como comunhão com Deus, com os irmãos e irmãs e com toda a criação, torna-se o primeiro ato missionário, a primeira mensagem

a ser comunicada ao mundo. É aqui que toda ação pastoral de evangelização, sacramental ou não, deve ter seu ponto de partida.

Embora o desejo de missão esteja verdadeiramente vivo na Ordem, muitos irmãos não têm clareza sobre o que significa missão. Entende-se que em algumas partes do mundo o contexto ainda é o da primeira evangelização, ou seja, a propagação da fé, enquanto em outros contextos, como na Europa Ocidental, trata-se de reavivar a fé, visto que se trata de um mundo descristianizado. Contudo, em ambos os contextos, a vida fraterna surge como um requisito fundamental para a missão. Essa falta de clareza é ainda mais evidente quando se trata das diversas atividades realizadas dentro das Circunscrições. Para alguns frades, todo o serviço que prestam nos âmbitos pastoral e fraterno é missão. Para outros, missão é entendida como serviço além das fronteiras, ou pelo menos fora do âmbito geográfico da Circunscrição, ou em áreas onde os desafios econômicos, políticos, sociais e eclesiais são muito evidentes e acentuados. Além disso, há frades que enxergam novas maneiras de viver a missão em países "descristianizados": alcançar aqueles ao nosso redor que não conhecem Cristo, presença e diálogo, a luta contra as injustiças.

A grande maioria dos irmãos reconhece o desejo de missão, mas muitos também destacam as limitações que frequentemente o inibem. A Ordem sonha grande, mas por diversas razões sente-se limitada. O desejo não falta, mas faltam os recursos para concretizá-lo. Portanto, um dos grandes desafios do IX CPO será precisamente este: primeiro, esclarecer o que se entende por missão, depois indicar os meios para garantir que esse desejo não seja apenas um sonho, uma ideia, mas se torne uma realidade concreta. Desta forma, o IX CPO deve impulsionar a Ordem para garantir que o desejo missionário encontre os meios para se tornar operacional e que a Ordem continue a exercer a sua dimensão missionária, que quase todos reconhecem como parte fundamental do seu carisma.

3. O posto real dado à missão: disponibilidade e limites

Premissa: O contexto atual nos apresenta um desafio: viver uma fidelidade dinâmica ao carisma diante de obstáculos que, em última análise, impedem a ação missionária. Diante disso, os frades foram questionados sobre o verdadeiro lugar da missão em nossas vidas. Procuramos resumir aqui as respostas, levando em consideração o lugar que damos à missão em nossas realidades concretas.

«Comprometamo-nos, portanto, a não deixar o mandamento missionário do Senhor sem ser ouvido e ineficaz, porque toda pessoa tem o direito de ouvir a boa nova para cumprir plenamente a sua própria vocação» (Const. 176,4).

“As províncias, por sua vez, devem repensar honestamente seus compromissos apostólicos a partir da perspectiva da realidade missionária. A missão, onde quer que aconteça e como quer que aconteça, tanto no coração da província quanto no centro dela” (III CPO 34).

De um ponto de vista hermenêutico, nem tudo está muito claro em relação à compreensão do que significa missão hoje; o que era muito claro no passado já não o é tão evidente hoje. Essa falta de clareza fomenta concepções bastante variadas e diversas. A forma como se entende a missão depende muito do lugar que ela ocupa, tanto na vida pessoal de cada irmão quanto dentro de uma fraternidade ou de toda a Circunscrição. Do ponto de vista teórico, entende-se que a missão é parte fundamental do carisma, mas, do ponto de vista prático, em algumas partes da Ordem, ela ainda se limita a uma escolha pessoal ou a uma atividade secundária. Também aqui, não está muito claro o que se entende por missão, se é um modo de fazer ou um modo de ser.

Embora muitos frades reconheçam que a missão é parte fundamental do carisma da Ordem, também observam que, em muitos lugares, ela não ocupa um lugar central. Aqui, é necessário distinguir entre a missão como serviço dentro e fora da Ordem. Para alguns frades, esta última parece ser um serviço para frades especiais (os missionários), enquanto a primeira está diretamente ligada às diversas atividades e serviços realizados pelos frades em suas Circunscrições. Por essa razão, a missão é entendida por alguns como uma escolha pessoal ou mesmo como uma vocação particular dentro da vocação capuchinha.

Diante das necessidades pastorais locais urgentes, a missão, em muitas partes da Ordem, torna-se secundária para a maioria dos frades. Prioriza-se as necessidades locais, argumentando-se que as atividades pastorais locais também são missão. Nesse caso, a missão, como a disposição de partir e servir em outros contextos fora do âmbito ordinário da Circunscrição, assume um papel secundário. Aqui encontramos uma dicotomia entre teoria e prática. Do ponto de vista teórico, a missão é o cerne do carisma Capuchinho, mas, do ponto de vista prático, em muitos contextos, ela é relegada a segundo plano. Há muitas razões pelas quais, em várias partes da Ordem, a missão não é considerada uma prioridade. Entre as mais significativas estão os fatores estruturais.

A manutenção das paróquias e a gestão das estruturas diocesanas e da Ordem parecem ser os principais motivos para priorizar a missão. Essas estruturas acabam absorvendo todos os esforços dos frades, impedindo-os de se dedicarem a uma atuação missionária mais ampla. Outra limitação prática citada por muitos frades é a escassez de pessoal e o envelhecimento da comunidade. Quando o número de frades é limitado, a gestão das estruturas existentes acaba consumindo todo o seu tempo e energia. Essas são causas reais e concretas.

Em um nível mais teórico, as respostas também destacam alguns obstáculos que dificultam a atuação missionária, como a falta de visão e sinodalidade. Essa falta reflete um certo "narcisismo pastoral". O egocentrismo, em última análise, impede que uma Circunscrição se abra mais espontaneamente à vida missionária. Isso se aplica à Circunscrição como instituição, mas também aos frades como indivíduos.

Em um nível espiritual, muitos frades também reconhecem um cansaço acentuado e uma perda de horizontes. Tudo isso é motivado por uma clara resistência em sair da zona de conforto. Conforto não se refere apenas a uma vida sem carências, onde se pode questionar se ainda se vive a pobreza franciscana, mas também a uma certa satisfação com o que se faz normalmente, quando se está tão acostumado ao próprio modo de agir que a mudança parece demasiado exigente. Embora a missão não seja consequência da minoridade, sua ausência pode dificultar a abertura e a realização das aspirações missionárias. A fé está em jogo aqui; parece que nossa segurança não reside mais no Evangelho que diz: "Não leveis nada para a viagem" (Lc 9,3; Mc 6,8) e no Salmo: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (Sl 23,1), mas nas pedras e claustros de nossos conventos, ou seja, em nossas estruturas consolidadas.

4. As razões que limitam a abertura missionária

Premissa: Os desafios representam um risco sério, capaz de frear o entusiasmo missionário e transformar a Ordem em uma instituição conservadora e rígida. Vamos tentar resumir as respostas que nos falam sobre a Motivação.

«Os frades menores Capuchinhos aceitam as novas realidades históricas na pobreza espiritual, com fé na Providência e com serenidade, mas também com olhar crítico, e reage com coragem profética, se necessário, porque preserva a liberdade dos filhos de Deus e não conhece o medo» (III CPO 20).

Os frades citaram muitas razões pelas quais o entusiasmo missionário acaba sendo limitado. De uma perspectiva pessoal, entre os desafios está o medo do desconhecido. Muitos frades temem o contato com outras culturas e até mesmo o aprendizado de um novo idioma, pois isso poderia significar um fracasso pessoal com consequências para sua Circunscrição. Alguns reconheceram que a falta de motivação é frequentemente causada pela ausência de uma vida de oração autêntica, especialmente a oração mental. O individualismo é outro fator que impede a abertura e a disponibilidade missionária. Por fim, problemas de saúde: para alguns frades, o sonho missionário acaba sendo prejudicado pela saúde física debilitada.

De uma perspectiva estrutural, as respostas destacam os maiores desafios que dificultam a atuação missionária: a prioridade da manutenção das estruturas, o pequeno número de frades em muitas Circunscrições, a idade avançada de muitos irmãos e até mesmo o clericalismo e o provincialismo. Esses são os principais fatores que, em última análise, dificultam a atuação missionária e a disponibilidade em muitas Circunscrições. Essa situação não se restringe ao Velho Mundo — a Europa —, mas também ocorre em muitas Circunscrições surgidas da ação direta de missionários europeus. Em muitos lugares, o provincialismo e o clericalismo, por exemplo, tornaram-se quase uma consequência da forma como as missões foram conduzidas. Os missionários, considerando as necessidades da Igreja local, implementaram um estilo missionário que não levou em conta seriamente o que poderíamos chamar de "carisma da Ordem". De fato, em muitos lugares, a principal

preocupação, por um longo período, não foi a *Implantatio Ordinis*, mas a *Implantatio Ecclesiae*.

Do ponto de vista formativo, muitos reconhecem que a falta de formação missionária específica é um fator que dificulta a abertura missionária. Além da falta de formação acadêmica, há também uma carência de experiências missionárias autênticas e concretas. Reconhece-se que a formação, em muitas partes da Ordem, tornou-se excessivamente acadêmica e quase inteiramente voltada para os ministérios ordenados e as atividades pastorais paroquiais; contudo, uma formação com um estilo marcadamente semelhante ao de um seminário não é compatível com o carisma da Ordem.

Outras limitações também existem, como barreiras linguísticas, dificuldades financeiras, preocupações com a segurança e os casos de discriminação. Nem todos os irmãos que nutrem aspirações missionárias se sentem capazes de aprender um novo idioma, e isso acaba por dificultar o trabalho missionário. As dificuldades financeiras estão ligadas à manutenção das missões realizadas por certas Circunscrições. Em algumas regiões onde os conflitos político-religiosos são intensos, existe medo ou cautela. Isso é particularmente verdadeiro em algumas comunidades na Índia ou na África. O preconceito e a discriminação às vezes partem daqueles que acolhem os missionários e refletem uma falta de compreensão e aceitação da interculturalidade.

Outro fator são as barreiras políticas e sociais. A instabilidade política, causada por ameaças de guerra, conflitos religiosos e políticas anti-imigração, como ocorre atualmente nos Estados Unidos, acaba se tornando um desafio que limita o alcance missionário tanto institucional quanto pessoalmente. Esses fatores, em última análise, servem como justificativa para permanecer fechado e tentar, a todo custo, manter as estruturas, sejam elas físicas, pastorais ou mentais. Isso é chamado de "declínio administrado", onde a missão, para algumas circunscrições, nada mais é do que uma tentativa de "tapar os buracos" e não uma oportunidade para um novo ímpeto, uma renovação da própria vida da Circunscrição.

Em relação aos desafios da atividade missionária, as respostas revelam uma realidade diversa dentro da Ordem. Enquanto na América do Norte as limitações indicadas refletem uma situação econômica muito confortável que inibe o desejo de partir, mas um ambiente político instável, especialmente no que diz respeito à imigração, na América Latina os desafios são frequentemente resultado de uma mentalidade excessivamente clerical, com um estilo de formação muito semelhante ao diocesano, no qual o candidato é preparado quase exclusivamente para os ministérios ordenados.

Enquanto na Ásia, especialmente na Índia, em um contexto religioso fortemente influenciado pelo hinduísmo, o desafio é posicionar a própria identidade em um contexto multirreligioso, na Europa o contexto da reevangelização se apresenta como um campo de atuação urgente, em interação com uma cultura claramente resistente a tudo que vem de outros mundos: casos de discriminação e falta de verdadeira aceitação são frequentes. Muitas

respostas sugerem que a cultura é crucial. Dentro dessa estrutura, emergem várias polaridades: uma abordagem cultural altamente relativista, onde a cultura alheia é tolerada, ou uma abordagem assimilacionista, caracterizada pela indiferença, em vez de uma abordagem verdadeiramente intercultural, caracterizada pela aceitação e pelo diálogo.

Para alguns, também é importante considerar a estrutura familiar da cultura atual. Esta é uma observação sociológica que sustenta que o ambiente familiar moderno já não oferece uma base sólida para o desenvolvimento de um senso de compromisso definitivo e radical. Os jovens têm dificuldade em fazer escolhas radicais e definitivas. Isso tem um impacto significativo quando se trata de decidir embarcar em missão e colaborar com outros grupos mais exigentes.

Em geral, os maiores desafios que dificultam o trabalho missionário parecem ser o clericalismo, o provincialismo e a dependência de estruturas. A formação ministrada em tal contexto dificilmente permitirá que os frades cultivem um espírito missionário e, em última análise, legitimará essa dicotomia entre compreensão teórica e disponibilidade prática.

5. Perspectivas: o carisma missionário e a sua transmissão

Premissa: é necessário e urgente abordar as limitações e fornecer os meios para garantir que o carisma missionário não seja apenas um desejo ou uma teoria, mas se torne uma voz profética no mundo de hoje. Vamos tentar resumir as respostas referentes à idéia de Perspectiva.

«Os ministros devem promover entre os frades o amor e o espírito de colaboração para a ação missionária, para que todos, cada um segundo a sua condição e capacidade, cumpram o seu dever missionário através de relações fraternas com os missionários, orando pelas novas igrejas e em união com elas, e despertando o interesse do povo cristão» (Const. 178,6).

Muitos frades observaram que existem muitas maneiras de transmitir a beleza da vida missionária e incentivar uma maior abertura e disponibilidade para a missão. O consenso mais difundido diz respeito ao testemunho daqueles que são ou foram missionários em outras terras. A presença de missionários nas casas de formação é um valor muito positivo. No entanto, alguns também dizem que é preciso cautela, pois alguns, dependendo de suas experiências, podem desencorajar as aspirações missionárias.

Outra iniciativa recomendada é oferecer aos jovens frades experiências de curta duração em locais missionários, especialmente durante o período de férias. No entanto, alguns enfatizam que não se trata de oferecer "turismo" missionário, mas sim de fomentar um despertar vocacional. Missões populares também são citadas como meios eficazes de despertar e cultivar a vida missionária.

Alguns enfatizam que a fraternidade pode desempenhar um papel importante nessa direção quando vista como uma "Escola de Missão". Segundo eles, se a dimensão ou sensibilidade missionária não for vivenciada dentro da fraternidade, será muito difícil cultivar um espírito

missionário e a disposição para viajar para outras terras ou locais de missão. É na fraternidade que aprendemos a ser uma dádiva, a nos oferecermos aos outros. Aprendemos que o verdadeiro significado da vida reside na oferta que cada um de nós faz de si mesmo, não no que podemos receber em troca. Aprendemos que a lógica que rege nossas vidas é a da doação de si, não a da autorrealização. Nas casas de formação interprovinciais, a vida fraterna se torna um laboratório de interculturalidade.

Alguns enfatizam que a formação intelectual deve fornecer a base para a identidade missionária. É por isso que é essencial oferecer cursos sobre a história missionária da Ordem e missiologia em geral. A formação, que em muitas áreas se assemelha demais a um seminário, deve proporcionar espaço adequado para que os irmãos sejam formados no carisma da Ordem e cultivem a prontidão missionária.

E muitos insistem que, além de uma sólida formação intelectual, os irmãos também devem ter a oportunidade de vivenciar experiências autênticas com as "periferias humanas". Servir aos mais pobres, marginalizados e vulneráveis durante a formação inicial é essencial para despertar o desejo missionário. Segundo eles, essas experiências concretas os ajudam a aceitar o chamado de Deus para servir onde a Ordem é mais necessária, especialmente testemunhando o carisma Capuchinho entre os mais pobres. Isso os ajuda crucialmente a serem formados nos valores da vida da Ordem e a evitar a acomodação em zonas de conforto.

Há um amplo consenso em recomendar que toda a formação seja guiada pelos valores fundamentais do carisma Capuchinho. Esses valores incluem o testemunho da vida fraterna e a abertura ao universal, à minoria e à simplicidade, à oração e à vida espiritual, ao espírito de serviço e à proximidade com os mais pobres. É necessário ensinar claramente que a consagração religiosa é uma dedicação radical e incondicional para fazer a vontade de Deus, e não a própria. A abertura missionária depende muito da compreensão da própria dedicação a Deus.

Alguns apontam para a falta de planos claros e o individualismo como realidades que, em última análise, dificultam a disponibilidade missionária. Outras dificuldades observadas incluem a falta de orientação e de reconhecimento para aqueles que demonstram disponibilidade e são adequados à missão. Essa falta de reconhecimento é quase sempre resultado de um contexto pastoral funcional, onde a vocação é reduzida a uma função. Se a formação prepara apenas para o ministério pastoral ou para o sacerdócio (clericalismo), o impulso missionário acaba morrendo.

Ressalta-se também que, onde já existe entusiasmo missionário, é essencial nutrir esse desejo. Jovens com novas aspirações não podem ser acomodados em estruturas ou mentalidades antigas e rígidas que impedem a criatividade missionária. Além disso, enfatiza-se que nem todas as fraternidades se esforçam para demonstrar a força e a beleza da consagração religiosa vivendo seu próprio carisma. Uma comunidade que vive de forma

desleixada ou que carece de verdadeira responsabilidade fraterna não incentiva os jovens a serem missionários.

Para alguns, a principal fragilidade reside no risco de transformar a formação num processo excessivamente protegido e paternalista, fixo e inerte, que não prepara o jovem frade para a disponibilidade radical exigida pelo carisma Capuchinho. Para essas pessoas, o desejo missionário enfraquece quando a formação se torna um "processo protegido", divorciado da realidade e dos riscos que ela acarreta. Ao contrário, fortalece-se quando o frade é capacitado a "colocar a mão na massa", a participar da realidade concreta dos mais pobres, a encontrar testemunhas que vivem o Evangelho com alegria e sem pretensão.

O contato direto com realidades que apresentam grandes desafios, como a pobreza, as limitações à prática da fé em algumas partes do mundo, a situação dos imigrantes em muitos países e os desafios culturais, são oportunidades para despertar o espírito missionário. Alguns insistem que a realidade concreta do sofrimento pode despertar o desejo missionário como um compromisso de solidariedade para servir aqueles que mais sofrem. Acreditam ser necessário romper com a rigidez de certas estruturas e fomentar o entusiasmo por essas novas fronteiras missionárias no mundo atual. Abandonar estruturas confortáveis e bem protegidas e estender a mão aos pobres e marginalizados significa passar de uma mentalidade de manutenção para uma de abertura. Essa transição é impossível sem um projeto.

Um grupo significativo de frades defende que é necessário repensar a estrutura de formação da Ordem, com um olhar voltado para o futuro. O processo de formação deve considerar seriamente que a vocação de um frade nunca deve se limitar a funções específicas — ou seja, ser pároco, administrador de estruturas ou estudante. Para eles, é essencial formar-se no carisma da Ordem, considerando a vida fraterna minorítica, e especialmente a pobreza, como parte essencial desse carisma. De fato, alguns frades observam que, em muitas partes do mundo, apesar de uma Ratio Formationis muito bem desenvolvida e clara, o estilo de formação ainda não é condizente com o espírito da Ordem. Em muitas circunscrições, o estilo oferecido corre o risco de ser mais uma "domesticação" do que um "envio". Dessa forma, prepara-se para a conservação em vez da abertura missionária, e torna-se relutante em ir aonde ninguém quer ir.

6. O despertar da paixão missionária: da teoria à prática

Premissa: É necessário repensar o processo de formação inicial e permanente para proporcionar as condições necessárias a uma vida missionária capuchinha eficaz. É tempo de reavivar a Reforma, sempre em processo de reforma, a fim de manter a fidelidade à sua identidade carismática. A palavra-chave aqui é Despertar.

“Os frades que, por inspiração divina, se sentirem chamados à atividade missionária em regiões onde se faz necessária a primeira proclamação, o apoio às Igrejas jovens ou onde a nova evangelização, devem comunicar a sua intenção ao seu Ministro.” (Const. 178,1).

A grande maioria dos frades concorda que o zelo missionário deve ser despertado desde cedo, começando pelo ministério vocacional. Os candidatos devem aprender que somos uma Ordem missionária por natureza. A missão não é um acessório, um serviço entre outros, mas todo o horizonte dentro do qual vivemos nossa identidade carismática.

De acordo com muitas respostas, a preparação para a missão durante a formação inicial, além de ser um tema a ser abordado por meio de estudos e encontros formativos, incluindo programas de missiologia, ecumenismo e diálogo inter-religioso, também deve incluir experiências missionárias concretas. O conhecimento dos documentos da Ordem e de suas necessidades missionárias não é suficiente; é necessário proporcionar uma experiência formativa que ofereça as condições necessárias para despertar e nutrir o espírito missionário.

Alguns também consideram benéfico que a formação seja interprovincial. O contato direto com outras comunidades, mesmo dentro do mesmo país ou Conferência, já durante o período de formação, permite um horizonte mais amplo e a superação do provincialismo que tantas vezes dificulta o trabalho missionário. Portanto, recomenda-se que, durante o processo de formação, sejam promovidas iniciativas que ajudem a despertar o interesse pela vida missionária, como dias de missão, experiências em áreas missionárias e intercâmbios com outras comunidades fora da Circunscrição, a Fraternidade São Lourenço de Brindisi.

Alguns apontam que as Circunscrições devem ter um Secretariado para a Promoção Missionária e que este Secretariado não deve se limitar à atividade missionária direta, como assistência financeira e o cuidado com os missionários e a missão existente fora da Circunscrição. O objetivo de um "Secretariado de Missão" também inclui a promoção missionária dentro da Circunscrição.

Algumas respostas enfatizam que, para fomentar o despertar missionário, é necessário rezar pelas missões e pelos missionários, e envolver toda a Circunscrição nesse processo. Sem fomentar a consciência de que a missão é parte fundamental do carisma capuchinho, será muito difícil criar uma cultura missionária e, assim, superar as limitações que impedem o alcance missionário de acordo com o carisma da Ordem.

Juntamente com a oração, o apoio financeiro aos missionários e ao seu trabalho nas chamadas "terras de missão" e a sensibilização nas suas próprias comunidades, alguns enfatizam que é essencial que as nossas comunidades fraternas, as nossas vidas concretas, sejam coerentes com os valores do Evangelho e com o carisma da Ordem. Ambientes simples que transmitem a pobreza franciscana, o contato com os mais pobres e a formação inicial e permanente que considera a missão como parte fundamental do carisma – tudo isto torna possível vivenciar uma realidade que ajuda a reacender o interesse pela missão.

É muito importante considerar a missão em seus diversos aspectos e estilos. Percebe-se uma tensão nas respostas: por um lado, há o risco de romantizar as antigas missões sem conectá-las aos desafios do presente; por outro, há a tentativa de esquecer a antiga forma de missão e abraçar novos desafios como uma forma moderna de trabalho missionário. Para

muitos, o modelo antigo, o de enviar missionários a terras distantes, é um modelo ultrapassado que, por diversas razões, já não atende às necessidades do presente. Para outros, porém, o modelo de missão ainda é o antigo, partindo-se do pressuposto de que a missão, sendo uma vocação específica, não pode envolver a todos.

Talvez seja crucial considerar as diferentes formas de maneira integrativa, e não excludente. Hoje, os desafios e modelos missionários devem ser considerados com base nas necessidades locais. Algumas respostas sugerem que, nos Estados Unidos e na Europa, o contexto é mais de "acolhimento". Portanto, missionários precisam ser enviados para colaborar com as Circunscrições em declínio e também para trabalhar na pastoral, por exemplo, com imigrantes. Em outros continentes, como a América do Sul, a África e partes da Ásia, especialmente a Índia, podemos falar de colaboração: por um lado, enviando frades para áreas onde a Ordem está em declínio e, por outro, consolidando as raízes do nosso carisma para melhor expressar a identidade da vida capuchinha (alguns lembram que, em muitos lugares, nossa presença se estabeleceu pelo modelo da "implantatio Ecclesiae", negligenciando a "implantatio Ordinis"). Em todo caso, devemos abraçar o valor fundamental da itinerância como parte do carisma.

Enquanto no antigo modelo missionário a missão era delegada a uma única Circunscrição, "cada Província uma missão", alguns sugerem pensar na colaboração como uma forma de missão que envolva toda a Ordem. Isso não significa eliminar o modelo antigo, mas sim expandir a atividade missionária unindo forças e transmitindo o Evangelho, a partir da nossa espiritualidade e do nosso carisma. Muitos novos campos de missão estão se abrindo para toda a Ordem, como a esfera digital, por meio da qual alcançamos os mais jovens, o serviço da ecologia integral, o serviço de Justiça, Paz e Integridade do Criado (JPIC), etc.

Algumas respostas afirmam que os superiores devem encorajar e encontrar maneiras de fomentar um espírito missionário, para que a missão seja uma ação concreta e não apenas uma ideia ou um desejo abstrato. Portanto, a fraternidade deve ser concebida como algo que transcende as fronteiras geográficas.

Resumindo muitas das respostas, pode-se dizer que, para estimular um despertar missionário, é necessário considerar que:

- . a minoridade não é só um tema para estudar, mas uma necessidade para viver que nos ajuda a sair da nossa zona de conforto;

- . a vida de oração não pode limitar-se a momentos de capela, mas deve ser uma continua escuta e obediência a Deus. De fato, a missão é sempre uma "obediência à graça", um deixar-se corajosamente fiel na graça de Deus;

- . os pobres não são só pessoas a servir, mas te ensinam a viver no mínimo necessário, a incarnar o carisma da pobreza franciscana na nossa vida pessoal.

Para que a missão se torne uma realidade concreta em nossas circunscrições, alguns frades acreditam ser necessário ter a coragem profética de abordar os problemas das estruturas físicas e pastorais, culturais e mentais que dificultam o alcance missionário. Mais especificamente, isso significa ter a coragem de fechar conventos, se necessário, restaurar paróquias, investir em formação e confiar mais na graça de Deus do que em nossas próprias obras. Nesse sentido, alguns sugerem que seria apropriado desenvolver projetos interprovinciais com uma metodologia clara e um propósito específico.

Muitos dizem que um processo de conversão é necessário, não para substituir os modelos missionários, mas para abraçar novas possibilidades que respondam às necessidades urgentes do momento. Passar de uma realidade de conforto e conveniência para a plena disponibilidade. Isso significa romper com o status quo atual, superando um modelo ordinário fortemente influenciado pela lógica do mínimo esforço. A conversão é motivada mais pelo testemunho do que pelas palavras.

As opiniões dos frades revelam que, seja em contextos de evangelização inicial — contextos de fronteira como a África e partes da Ásia — ou em contextos de secularização, como na Europa e pelo menos em parte da América do Norte, ou em contextos mais marcados por questões ambientais e sociais, como a América Latina, o testemunho de uma vida simples e humilde e à disposição de ir a qualquer lugar e estar ao lado daqueles que sofrem serão sempre a melhor maneira de reacender e nutrir as aspirações missionárias dentro da Ordem. Para muitos, a "missão capuchinha" não é um modelo único a ser exportado, mas uma presença capaz de escutar os clamores da humanidade.

A maioria dos frades concorda que, em todos os contextos, a fraternidade deve ser sempre a mensagem primordial, a minoria deve ser cultivada como uma realidade fundamental que fomenta a liberdade e a abertura ao mundo, e que a missão não é uma escolha acidental, mas a forma mais adequada de expressar nossa identidade. Portanto, muitos insistem que é necessário cultivar a generosidade e deixar um legado para seguir em frente, ou seja, ser uma Ordem em saída que caminha com a Igreja e a seu serviço, levando o Evangelho e proclamando Cristo em todos os lugares, partindo da bela e rica espiritualidade franciscano-capuchinha. Nesse sentido, a Ordem será sempre uma reforma dentro da Reforma, deixando-se moldar pela ação do Espírito Santo, que renova todas as coisas (cfr. Ap 21,5).

A Colaboração Fraterna na Ordem

"A multidão dos credentes era um só coração e uma só alma; e ninguém dizia que aquilo que possuía era exclusivamente seu, mas tudo lhes era comum." (At 4,32).

"Com alegria, promovemos e desenvolvemos a colaboração entre as nossas Circunscrições, apoiando a vitalidade do nosso carisma e o bem da Ordem, em vez da mera sobrevivência das estruturas" (Const. 100,2).

1. Introdução

Encontramo-nos neste capítulo da nossa história não simplesmente para resolver problemas logísticos ou gerir a complexidade dos nossos números, mas para responder a um apelo do Espírito que ressoa urgentemente por toda a Ordem. Este resumo das respostas não é um mero relatório estatístico, nem um manual para a reorganização institucional. Em vez disso, é um retrato espiritual de um corpo vivo – o nosso – que se esforça por encarnar o carisma de São Francisco de Assis num mundo globalizado, ferido e em rápida mudança.

Vivemos num tempo que poderíamos definir como "graça desconfortável". As respostas recebidas de todos os cantos do mundo, desde as antigas províncias da Europa até às jovens igrejas da África e da Ásia, revelam uma verdade inescapável: a colaboração interprovincial e internacional já não é um extra opcional, nem uma medida de emergência para colmatar as lacunas das vocações em declínio. Tornou-se o principal caminho para vivermos hoje a nossa identidade como "frades menores".

Estas páginas revelam que, para muitos frades, é necessária uma mudança de uma abordagem "transacional" — onde a solidariedade corre o risco de ser reduzida a uma troca mercantil de dinheiro por pessoal — para uma abordagem de "doação" e reciprocidade. Somos chamados a reconhecer que cada frade, cada cultura e cada circunscrição são portadores de uma riqueza que pertence a todos. No entanto, esta jornada não está isenta de desafios: a fragilidade humana, as barreiras linguísticas, a tentação do funcionalismo e o risco de "obstinação terapêutica" em relação a estruturas sem vida são desafios reais que exigem discernimento corajoso.

Esta introdução, portanto, pretende ser um convite para ler o texto seguinte não com os olhos de um administrador receoso do futuro, mas com o coração de um peregrino que contempla o horizonte. Estamos dispostos a ser incomodados? Estamos prontos para passar da defesa das nossas fronteiras provinciais à profecia de uma fratelança sem fronteiras? Que estas páginas não sejam um ponto de chegada para nós, mas uma coleção de ideias para uma reflexão mais profunda.

2. Coração pulsante da nossa identidade

Para incorporar essa identidade, precisamos fazer uma distinção crucial quanto à qualidade de nossa troca fraterna. Muitas respostas nos convidam a rejeitar decisivamente o modelo

econômico ou "colonial", caracterizado por uma lógica em que "as Circunscrições ricas enviam dinheiro e as Circunscrições pobres enviam irmãos". Para eles, a verdadeira colaboração exige ir além das transações financeiras, rumo à reciprocidade e à generosidade fraterna.

As respostas revelam uma consciência de que a colaboração significa partilhar os dons do Espírito: os talentos, carismas, cultura, arte e fé de cada frade. Não se trata de movimentar pessoal como peças para preencher lacunas numéricas, mas sim de reconhecer uma interdependência vital em que as necessidades de uma única Circunscrição se tornam as necessidades de toda a Ordem. Isto exige sair do próprio "eu" e das certezas para servir onde a Igreja e a Ordem mais precisam.

Esta visão teológica encontra a sua confirmação na concretude da vida. As respostas dos frades identificam áreas onde este espírito já está incorporado, como ministérios específicos dirigidos a migrantes ou comunidades linguísticas (por exemplo, frades brasileiros nos EUA ou frades de língua espanhola no Texas), e no apoio vital às casas de formação e missões interprovinciais, num fluxo que une continentes tão diversos como a África e a Europa. No entanto, é crucial lembrar que trabalhar em conjunto não basta; o objetivo final é viver a nossa identidade carismática em conjunto. A presença física e a partilha diária da vida fraterna têm um valor qualitativamente superior a qualquer ajuda enviada à distância.

Apesar da nobreza desse ideal, não podemos ignorar os desafios e riscos reais que ameaçam privar nossa colaboração de significado. Alguns frades apontam para um perigo tangível chamado funcionalismo: usar a colaboração meramente como uma ferramenta de "sobrevivência" para manter vivas estruturas que talvez devessem ser fechadas, sem uma abertura genuína à renovação do Espírito. Isso cria uma dicotomia entre mera "ajuda por necessidade" e verdadeira colaboração profética.

Para alguns, sem uma visão autenticamente fraterna, a troca corre o risco de degradar-se no que foi provocativamente chamado de "Rent-a-Friar" (Alugue um Frade), um programa de arrendamento de pessoal desprovido de alma e comunhão. Além disso, as diferenças de mentalidade e cultura, se não forem abordadas com paciência e compreensão, podem se tornar obstáculos que geram novas formas de individualismo dentro das próprias casas religiosas.

3. Além dos confins. A profecia da colaboração fraterna

Como mencionado acima, o primeiro e maior benefício da colaboração não reside na eficiência organizacional ou simplesmente no "preenchimento de lugares" vagos. O verdadeiro benefício é teológico e existencial: a expansão de nossa identidade.

Em muitas respostas, constatamos que a colaboração, de forma benéfica, força o frade a superar uma mentalidade estreita e provinciana, abrindo seus olhos para a realidade de que sua pertença é, antes de tudo, a toda a Ordem dos Capuchinhos e não apenas à sua

circunscrição local. Esse processo cultiva uma identidade mais ampla, verdadeiramente "católica" e universal.

Dentro desse horizonte, alguns frades percebem a colaboração como uma autêntica troca de dons. Não se trata de transferir mão de obra, mas de compartilhar riquezas espirituais e humanas. Isso nos permite aprimorar os carismas específicos de cada frade, encontrando a pessoa certa para um ministério específico, independentemente de sua origem geográfica.

Além disso, alguns frades enfatizam que estamos testemunhando uma mudança histórica de direção que está criando uma verdadeira reciprocidade missionária. Enquanto o fluxo antes era unidirecional, hoje vemos frades das "igrejas jovens" (como as da África e da Ásia) auxiliando fraternidades europeias com tradições antigas. Alguns observam que isso é particularmente valioso no cuidado pastoral dos migrantes, onde a presença de compatriotas consagrados cria pontes de evangelização que seriam impossíveis de outra forma.

Algumas respostas sugerem que esse caminho apresenta obstáculos significativos. O principal desafio não é a distância geográfica, mas a distância cultural. A boa vontade por si só não basta; é necessária a aquisição de uma genuína competência intercultural.

Alguns frades afirmaram que a prova mais difícil para os frades em colaboração é a flexibilidade mental necessária para se adaptar a diferentes estilos de vida. As diferenças tocam o coração de nossa vida consagrada: encontramos diferentes concepções da liturgia, do modo de viver a pobreza, do exercício da obediência e da própria visão da Igreja. Isso exige que o frade saia radicalmente de sua "zona de conforto" para encontrar o outro.

Um argumento que emerge dos questionários é que a colaboração exige prazos relacionais acelerados: os frades devem ser capazes de construir relações profundas rapidamente para que a fraternidade e a missão sejam eficazes. Esse esforço humano é significativamente maior do que o exigido daqueles que permanecem em sua cultura de origem. Por essa razão, a colaboração não pode ser improvisada: requer uma preparação linguística completa, regras estabelecidas e, acima de tudo, profunda humildade tanto por parte de quem acolhe quanto do recém-chegado.

Os frades também apresentaram vários riscos que precisam ser monitorados, pois podem fazer com que a colaboração seja prejudicial à Ordem. O perigo estratégico mais sério é o que poderíamos chamar de "obstinação terapêutica". Seria um erro fundamental usar a colaboração unicamente para sustentar os últimos dias de uma Circunscrição ou para manter estruturas que não têm mais futuro. Nossa missão é gerar nova vida, não prolongar artificialmente a morte de uma presença que agora está esgotada.

Um segundo risco levantado nas respostas é um risco espiritual ligado a motivações ambíguas. É necessário um discernimento rigoroso das intenções dos candidatos, pois alguns podem se oferecer não por zelo missionário, mas para buscar benefícios econômicos,

estabilidade material ou para escapar de problemas não resolvidos em sua Circunscrição de origem.

Outros enfatizam a necessidade de se proteger contra a dependência econômica e o formalismo relacional. Há o perigo de criar fraternidades onde as pessoas vivem juntas sem serem irmãos, comunidades de "solistas" ou individualistas, unidos apenas por um projeto formal ou necessidade financeira.

4. Da formação à missão

Algumas respostas enfatizam que a colaboração se materializa principalmente em áreas vitais para a própria sobrevivência do nosso carisma. A área que se destaca com maior força é, sem dúvida, a Formação. Ela atua como o principal motor da integração.

Para muitos, a colaboração encontra sua expressão mais concreta na formação inicial — o postulante e o noviciado interprovinciais — e no pós-noviciado. Mas a visão se estende muito além das fronteiras locais: nossos "Colégios Internacionais" e casas de estudo podem ser lugares proféticos, acolhendo frades de todos os cantos do mundo — da Índia ao Brasil, da África ao México — para estudos teológicos ou linguísticos. Esses lugares não devem ser simples residências, mas laboratórios onde se aprende a respirar a universalidade da Ordem.

O segundo fator principal da colaboração, destacado por muitos frades, é a Missão. Aqui, a solidariedade se manifesta por meio de dois canais distintos, porém complementares: recursos humanos e econômicos. No âmbito humano, vemos o generoso envio de frades a Custódias missionárias, como no caso de Papua-Nova Guiné, ou o acolhimento de confrades internacionais em Circunscrições locais. No âmbito econômico, a colaboração se traduz no apoio financeiro que Circunscrições historicamente mais consolidadas oferecem à aquelas em via de desenvolvimento, especialmente na África e na Índia. Contudo, alguns frades observam que o apoio financeiro, embora necessário, permanece uma forma de assistência distinta da partilha de vida mais radical.

Além das casas de formação, outras ferramentas específicas são identificadas para facilitar os encontros entre diferentes circunscrições. Um exemplo é o "Projeto São Lourenço" (Fraternidade São Lourenço). Nele, frades de diferentes circunscrições optam por viver juntos com um propósito comum; no entanto, observa-se também uma limitação: muitas vezes, para o indivíduo, essa experiência termina com o retorno à sua circunscrição, correndo o risco de não deixar um legado duradouro.

Outra ferramenta identificada pelos frades, e referida por alguns como "colaboração leve", são os intercâmbios linguísticos. Enviar frades para o exterior para aprender idiomas, particularmente o inglês, prepara o terreno humano e cultural para intercâmbios mais profundos no futuro.

Gerir esta máquina complexa não é isento de desafios. Alguns frades descrevem a colaboração não como um evento isolado, mas como uma "corrida de longa distância". É um processo diário que exige tempo e paciência para passar das tentativas iniciais a estruturas consolidadas.

Hoje, porém, muitos frades estão a sentir uma preocupante fragilidade estrutural. Alguns recordam como a COVID-19 interrompeu ou enfraqueceu processos que pareciam estar bem encaminhados. Outros recordam o impacto do declínio numérico: a falta de vocações forçou o encerramento de colaborações históricas, como alguns noviciados comuns que ficaram sem candidatos. Este é um lembrete contundente de que a colaboração requer "matéria-prima" humana para existir; sem frades, as estruturas desmoronam.

Alguns também notam uma lacuna organizacional: enquanto ao nível da Circunscrição a colaboração é ativa através de intercâmbios e missões diretas, ao nível da Conferência muitas vezes parece ainda estar em fase embrionária, por vezes limitada apenas ao noviciado.

5. Da lógica da emergência à cultura da sistemática. Linhas guias para a Ordem

Segundo muitas respostas, o aspecto hierárquico mais crítico não é burocrático, mas antropológico. Muitas experiências têm demonstrado que os projetos colaborativos fracassam se os frades enviados não forem adequados à tarefa. É, portanto, imperativo fazer uma distinção clara entre frades maduros e frades frágeis. Devemos afirmar com veemência que a missão internacional não pode ser uma "rota de fuga" para aqueles que enfrentam dificuldades não resolvidas em sua própria circunscrição ou que simplesmente desejam escapar de suas responsabilidades.

Por essa razão, alguns propõem o estabelecimento de mecanismos específicos, como Comissões Provinciais, dedicadas a um rigoroso processo de seleção para avaliar a idoneidade dos candidatos, uma vez que nem todos são feitos para a missão internacional. Ressalta-se que o frade enviado deve possuir qualidades humanas específicas: uma notável capacidade de adaptação, a humildade necessária para abandonar certezas pastorais anteriores e a disposição de "parar de impor a própria vontade" para se enraizar profundamente na nova cultura que o acolhe.

Alguns frades enfatizaram que a boa vontade, embora essencial, não é suficiente; portanto, propõem que ela seja codificada em acordos específicos para evitar futuros mal-entendidos dolorosos entre as fraternidades que enviam e que acolhem. Antes de iniciar qualquer convivência, é necessário definir claramente a Visão, o Propósito e os Valores que inspirarão a nova fraternidade. É necessário um "Estatuto" escrito que descreva as expectativas mútuas de forma clara e objetiva.

Essa transparência também deve se estender à gestão prática. Os aspectos financeiros, administrativos, de localização e de duração do compromisso devem ser definidos

antecipadamente. No centro de tudo deve estar a comunicação honesta entre as Circunscrições a respeito das necessidades reais e dos recursos disponíveis. Nesse sentido, sugerimos a criação de uma "plataforma" digital ou organizacional que torne as necessidades das missões e a disponibilidade dos frades globalmente visíveis, promovendo um encontro transparente entre a oferta e a demanda por carisma.

Alguns frades estão cientes de que a improvisação é inimiga da colaboração. Nosso sistema de formação deve evoluir para atender a essas novas necessidades. Um aspecto fundamental é a inculturação: é necessário um treinamento específico no idioma e na cultura local, tanto antes da partida quanto durante a missão. A vida de um frade não pode ser a de um turista espiritual, mas deve estar "enraizada no lugar".

Além disso, surgiu uma proposta para reconsiderar a duração da formação inicial, talvez reduzindo o excesso de teoria para dar mais espaço a experiências missionárias concretas no campo. Isso permitiria que os jovens frades "testassem" sua vocação para a colaboração internacional antes de assumirem compromissos permanentes.

Por fim, alguns insistem que devemos nos precaver contra uma tendência perigosa: o funcionalismo. Uma crítica significativa surge em relação ao risco de transformar a colaboração em um mero "plano de melhoria institucional" (business plan) ou uma resposta estratégica à diminuição do número de fiéis. As respostas enfatizam que nossa colaboração deve ter uma base espiritual sólida. Ela deve ser baseada na igualdade radical entre os frades — rejeitando a ideia de que existem frades de "série A" e de "série B" — e deve adotar o método sinodal para administrar a vida em comum, onde todas as vozes são valorizadas.

6. Análise das esperanças, condições e temores dos frades diante do chamado universal.

As respostas, em seu conjunto, revelam uma surpreendente reserva de generosidade dentro da Ordem. A atitude predominante é de abertura fundamental. Muitos frades motivam sua disponibilidade redescobrimo sua identidade franciscana original: a de serem "peregrinos e forasteiros", chamados a anunciar o Evangelho sem fronteiras geográficas.

Nessa visão, pertencer à Ordem universal prevalece sobre pertencer a uma única Circunscrição. Há um desejo sincero de vivenciar a interculturalidade não como um problema, mas como uma riqueza que rompe com a rotina e revitaliza a consagração. A humildade que emerge de muitas respostas é profundamente impressionante: há uma disposição para realizar até mesmo os serviços mais simples – como o de porteiro – desde que sejam vivenciados em um contexto de autêntica fraternidade.

Todavia, esse impulso generoso não é cego nem incondicional. Alguns frades fazem uma distinção crucial entre "colaboração para a vida" e "colaboração para a estrutura". Surge uma rejeição clara, quase unânime, de projetos que visam apenas manter o status quo. A voz dos

frades é clara na expressão que encontramos em uma das respostas: "Sim, se houver uma renovação do carisma; não, se for apenas para olhar os muros."

Assim, muitos enfatizam que a condição essencial para partir não é o conforto, mas o desejo de viver autenticamente nossa identidade carismática. Pedem que o novo destino garanta uma vida de verdadeira oração, simplicidade e comunhão fraterna. Os frades temem ser reduzidos a meros trabalhadores preenchendo lacunas pastorais ou mantendo edifícios vazios em funcionamento; em vez disso, buscam lugares onde os irmãos sejam procurados para a missão, e não zeladores de pedras.

No entanto, também houve reações negativas. Na maioria dos casos, o "não" à partida não nasce da falta de força de vontade ou do egoísmo, mas sim da consciência de limitações objetivas intransponíveis. O ditado do Evangelho se confirma: "o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mc 14,38).

O obstáculo técnico mais óbvio é a barreira linguística: muitos frades temem não conseguir mais aprender novos idiomas e se tornarem ineficazes na evangelização. Muitos frades também citaram a idade e a saúde. O envelhecimento é um obstáculo real: frades na faixa dos cinquenta e sessenta anos sentem que não têm mais energia para recomeçar em uma cultura diferente, temendo se tornarem "um peso" para seus irmãos em vez de uma ajuda. A isso, alguns acrescentam um senso de responsabilidade para com suas atribuições atuais, o que cria um conflito interno entre o desejo de partir e o dever de permanecer fiel ao seu serviço presente.

Por fim, a pesquisa destaca o papel central, e às vezes ambivalente, da obediência. Um grupo significativo de frades delega todas as decisões à autoridade, declarando sua disponibilidade apenas "se o governo da Circunscrição solicitar expressamente". Alguns observam que essa atitude, embora demonstre grande confiança em seus superiores, também revela certa passividade. Às vezes, falta iniciativa pessoal, esperando que a instituição dê o primeiro passo.

7. A Colaboração como fruto de vida

As respostas revelam que o obstáculo mais insidioso à colaboração não é a falta de recursos, mas uma crise de identidade. Alguns argumentam que é ilusório pensar em promover projetos comuns se os pilares de nossa vida estiverem ausentes: a fraternidade, a minoridade, a oração pessoal e comunitária, a contemplação e um forte senso de pertencimento capuchinho.

Insistem que devemos superar a lógica do funcionalismo. A colaboração não pode ser reduzida a uma regulamentação administrativa; ela deve ser moldada "espiritual e humanamente". Sem uma verdadeira "conversão de atitudes" e uma mudança de coração, qualquer acordo, por mais bem escrito que seja, permanecerá um mero "contrato funcional", desprovido de vida.

Analisando as respostas como um todo e tendo em mente nossa dimensão missionária, podemos dizer que o quadro atual revela uma tensão entre o desejo e a realidade. Muitas vezes, a missão é percebida como uma "opção pessoal", o interesse privado de alguns confrades zelosos, em vez de uma urgência incontornável que diz respeito a todo o carisma e à comunidade.

De modo geral, as ameaças que diminuem nosso entusiasmo são percebidas como uma falta de zelo, identificada como a principal limitação, e um sentimento de medo e insegurança gerado pela diminuição do número de fiéis e pela escassez de recursos. Isso indica que precisaremos redescobrir a motivação para pregar o Evangelho com coragem, não apenas em terras distantes, mas também em nossas pátrias.

Uma questão delicada, porém crucial, levantada por muitos frades, diz respeito à gestão financeira da colaboração. Será importante definir uma verdadeira "teologia dos recursos" para curar as relações entre as Circunscrições. Um princípio ético deve ser claramente declarado: quando uma Circunscrição oferece apoio financeiro a outra, esse dinheiro nunca deve ser interpretado como salário ou remuneração contratual. Por essa razão, alguns propõem que as contribuições financeiras sejam vistas como uma expressão de "responsabilidade compartilhada" pela missão única da Ordem. Somente essa clareza pode purificar nossos relacionamentos do risco de dependência econômica, baseando-os, em vez disso, na confiança fraterna.

Alguns frades também enfatizam que a comunhão também se dá por meio de uma linguagem precisa. Eles enfatizam a necessidade de dissipar as ambiguidades terminológicas que complicam o diálogo institucional, particularmente em relação ao uso do termo "Circunscrição", que tem significados diferentes dependendo do contexto. Portanto, é necessário um documento oficial que estabeleça termos técnicos precisos, para evitar mal-entendidos nas traduções e garantir que todos falemos a mesma linguagem jurídica e carismática.

8. Conclusão

Este percurso de análise e discernimento convida-nos a olhar para além dos dados concretos e a abraçar a visão mais ampla da nossa vocação. Descobrimos as luzes e as sombras da nossa realidade atual, testemunhando em primeira mão a generosidade de tantos confrades prontos para partir, mas também as feridas das nossas fragilidades estruturais e humanas. A partir do que vimos acima, podemos deduzir a necessidade de no próximo CPO aprofundar a sua reflexão nas seguintes direções:

Em primeiro lugar, sensibilizando para o fato da colaboração fraterna exigir uma conversão estrutural e espiritual. Tornou-se claro que a boa vontade não basta: é necessário um quadro sólido de estatutos claros, acordos transparentes e formação intercultural adequada. A improvisação já não é sustentável; o amadorismo na gestão dos recursos humanos e financeiros corre o risco de comprometer a própria missão.

Em segundo lugar, surgiu a necessidade urgente de uma "teologia dos recursos" purificada: dinheiro e pessoal não são moedas de troca para comprar poder ou garantir a sobrevivência, mas instrumentos da Providência a serem compartilhados de forma responsável e livre. Um grande desafio é deixar de usar a colaboração como uma "máquina de respirar" para manter vivos os museus do passado e começar a usá-la como fermento para novas formas de presença evangélica, mesmo onde não estamos presentes hoje.

Finalmente, a centralidade da dimensão carismática permanece clara em muitas das respostas. Sem uma vida de oração profunda e fraternidade genuína, qualquer projeto de colaboração internacional está fadado ao fracasso, reduzido a uma mera coexistência de solistas. Enfatiza-se que o frade Capuchinho do futuro é aquele que sabe navegar a tensão entre estar enraizado em sua própria cultura e estar aberto ao universal, sentindo-se em casa onde quer que seus irmãos estejam.

Permitamos, portanto, que estas páginas, que resumem as muitas respostas que as circunscrições, fraternidades e até mesmo alguns frades individualmente nos ofereceram, contribuam verdadeiramente para a nossa reflexão e não permaneçam letra morta em nossos arquivos. Que o IX CPO ofereça orientação concreta para que a nossa seja uma Ordem que não tema diminuir em número, se isso significar crescer em caridade. Que São Francisco de Assis nos conceda a coragem de "recomeçar", não para preservar as cinzas, mas para preservar e transmitir ao mundo o fogo da nossa missão. Avante, com confiança.

As Fraternidades São Lourenço de Bríndisi na Ordem

“Vocês são o sal da terra; mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Uma cidade construída sobre um monte não pode ser escondida. Nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo de um cesto. Ao contrário, coloca-se no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus.” (Mt 5, 13-16).

É necessário compreender a natureza e o projeto de vida de nossa Fraternidade para sermos fiéis ao Evangelho e à nossa autêntica tradição, retornando à sua inspiração original — isto é, à vida e à Regra de nosso Pai São Francisco — por meio da conversão do coração, para que nossa Ordem se renove continuamente. Para tanto, esforcemo-nos por priorizar uma vida de oração, especialmente a oração contemplativa. Vivendo como peregrinos e forasteiros neste mundo, praticando a pobreza radical, tanto pessoal quanto comunitária, inspirados por um espírito de minoridade, e oferecendo o exemplo de uma vida austera e de penitência alegre no amor à Cruz do Senhor. Reunidos em Cristo como uma só família, desenvolvemos relações de espontaneidade fraterna entre nós; vivemos de bom grado entre os pobres, os fracos e os doentes, compartilhando suas vidas, e mantemos nossa especial proximidade com o povo. Promovemos a dimensão apostólica de nossa vida, por meio da proclamação do Evangelho e em diversas outras formas adequadas ao nosso carisma, sempre preservando o espírito de minoridade e de serviço. (Const. 5, 2-5)

1. Introdução

As Fraternidades São Lourenço (FSL) não nasceram de uma decisão arbitrária e imposta de cima para baixo, mas sim de encontros de diversos frades que desenvolveram o desejo de "reacender — juntos — a chama do nosso carisma". Diante do desafio da secularização, da evangelização e do rápido desaparecimento da nossa presença na Europa Ocidental, surgiu a ideia de estabelecer fraternidades simbólicas para manter vivo o nosso carisma e colocá-lo a serviço da Igreja e do mundo. Desde o início, a ideia previa uma responsabilidade compartilhada que transcendesse as Províncias individuais, de modo que, em regiões onde, devido à presença cada vez mais escassa e à falta de recursos individuais, fraternidades internacionais pudessem ser criadas por meio de esforços conjuntos. Estas, à luz do Evangelho e das Constituições, viveriam autêntica e consistentemente a oração, a vida fraterna e a missão, como menores e pobres. Não se tratava primordialmente de salvar lugares ou estruturas, mas de renovar o nosso modo de vida. Durante o período de seis anos, de 2012-2018, o Ministro Geral e seu Conselho foram os principais promotores do projeto então denominado "Projeto Europa". Um marco importante nesse processo foi o encontro que reuniu todos os superiores maiores da Europa, juntamente com o Conselho Geral e os presidentes das Conferências, de 1º a 5 de dezembro de 2014, em Fátima. De fato, após esse encontro, o Ministro Geral e seu Conselho decidiram estabelecer uma Comissão para supervisionar a

criação de novas fraternidades. Ao mesmo tempo, para esclarecer o que se exige dos irmãos que se comprometem a viver nelas e para garantir a coerência entre todas, foram elaboradas diretrizes. Profundamente enraizado em nossas Constituições, esse texto foi refinado e desenvolvido ao longo de várias fases pelos frades interessados e já envolvidos no projeto e pela Comissão. Com o tempo, vendo os bons resultados, o projeto também se expandiu para além da Europa, adotando o nome de Fraternidade São Lourenço. Atualmente, existem 12 FSL: 9 na Europa e 3 nas Américas.

2. A idéia das FSL e como foi compreendida pelos frades na Ordem

O Ministro Geral na Carta programática para este sexênio escreve:

Uma das maneiras pelas quais a Ordem busca vivenciar sua identidade carismática é por meio do projeto das Fraternidades São Lourenço de Brindisi. À luz do Evangelho e de nossas Constituições, elas propõem viver de forma autêntica e consistente a oração, a vida fraterna e a missão, como menores e pobres, com o importante recurso da interculturalidade.

"Uma maneira": as FSL são, portanto, uma iniciativa modesta — de modo algum exclusiva — para reacender a chama do nosso carisma dentro da Ordem. Elas não são "fraternidades piloto" nem "fraternidades modelo". São simplesmente frades que, convencidos da beleza de nossa vocação e de seu valor para a nossa sociedade, concordam em traçar, de forma simples e confiante, o caminho de uma presença viva e evangelicamente significativa. De fato, graças a Deus, em muitas outras fraternidades esse ideal é vivido com a mesma força e intensidade. Portanto, da parte das FSL não reivindicam exclusividade.

São duas as particularidades que caracterizam o projeto FSL.

Nas FSL, nos esforçamos para viver de forma autêntica e consistente os quatro aspectos essenciais de nossa vida: oração, fraternidade, minoridade/pobreza e missão, de acordo com as diretrizes compartilhadas por todo o projeto.

As FSL é internacional e intercultural. Em um mundo globalizado e interconectado, mas que continua a fomentar o individualismo, o testemunho de uma fraternidade na qual diversas culturas estão presentes parece uma proposta válida e oportuna em resposta aos sinais dos tempos. Obviamente, também é um verdadeiro desafio. Mas a experiência mostra que o espírito de uma fraternidade internacional dialoga com o mundo atual.

A primeira característica distingue as FSL de outras fraternidades internacionais onde os membros não se concentram explicitamente nas diretrizes mencionadas. A segunda característica diferencia as FSL de fraternidades que vivem esse estilo de vida dentro de circunscrições individuais, mas sem uma dimensão internacional.

As respostas da Ordem ao questionário revelam uma visão das FSL não como meras estruturas administrativas, mas como catalisadoras espirituais. Seu objetivo final é "alimentar a chama" das origens e impactar positivamente toda a Ordem. Trata-se de uma tentativa de

retornar às origens e renovar a identidade franciscano-capuchinha. As FSL são vistas como uma resposta criativa aos desafios atuais, como o declínio das vocações (especialmente na Europa), a secularização e a necessidade de manter o carisma Capuchinho em áreas em declínio sem simplesmente fechar estruturas. Um elemento importante é a composição intercultural e internacional das fraternidades, entendida como um sinal autoexplicativo de comunhão. Ao mesmo tempo, surge uma tensão entre o reconhecimento do valor profético da iniciativa e as dificuldades práticas de sua implementação.

3. Frutos já visíveis e frutos esperados para o futuro da Ordem

O frutos que são visíveis até o momento podem ser subdivididos em três categorias:

Uma riqueza para a formação permanente e inicial

Diversos irmãos, vivendo com simplicidade de acordo com o estilo de vida proposto pelas Diretrizes, renovaram seu "sim" a Deus, revigorando suas vocações e motivações;

diversos irmãos de partes do mundo onde a Ordem está se desenvolvendo e onde há uma forte ênfase no ministério pastoral redescobriram a importância de outros aspectos do carisma;

diversos frades em formação inicial encontraram nas FSL um exemplo claro de vida capuchinha e vivenciaram ali um importante período de discernimento vocacional.

Atração pelo nosso carisma no contexto da juventude e do ministério vocacional: em diversos lugares onde as FSL estão presentes, observa-se um movimento de pessoas dispostas a compartilhar nosso estilo de vida. Essas Fraternidades, portanto, comprovam ser um sinal crível para o ministério vocacional.

Testemunho do nosso modo de vida: em algumas regiões da Europa, as FSL são praticamente a única forma de vivenciar o nosso modo de vida, experimentando nas pessoas o desejo de se aproximarem dos sacramentos e de retornarem à vida cristã. A maioria das opiniões recebidas dos irmãos elogia a iniciativa, reconhecendo o seu potencial para o futuro da Ordem. As FSL são consideradas um espaço favorável à renovação do carisma, onde os irmãos se comprometem a viver com simplicidade e coerência aquilo que nos caracteriza como Capuchinhos. Valoriza-se o testemunho missionário, ou seja, a capacidade de abrir novos caminhos de evangelização, especialmente em contextos difíceis ou onde a presença Capuchinha está em risco, servindo como sinal profético para o mundo e para a própria Ordem. O projeto fomenta a colaboração entre as diferentes jurisdições, permitindo o intercâmbio de pessoal e enriquecendo a formação dos frades através da experiência da diversidade.

4. Riscos, dúvidas e desafios que precisam ser levados em consideração

Paralelamente ao reconhecimento, surgem também dúvidas quanto ao impacto e à gestão das FSL. Há o receio de que as FSL sejam vistas como uma "elite espiritual" ou como a única

fraternidade "autêntica", desvalorizando implicitamente a vida vivida nas outras comunidades da Ordem, que enfrentam desafios diários. Alguns observam que não há nada de único nas FSL em comparação com o que já deveria ser praticado em cada casa capuchinha. O carisma, aliás, deveria ser vivido em todos os lugares, e não delegado a grupos seletos. Há também uma falta de informação clara sobre o que eles realmente fazem e como se diferenciam de outras comunidades da Ordem. Um desafio significativo é a integração de frades de diversas culturas, línguas e mentalidades. Isso exige avaliação, preparação e acompanhamento dos candidatos, e tudo isso demanda tempo. Entre os riscos está o receio de que o projeto sirva mais para "salvar as estruturas" ou manter posições históricas do que para fomentar uma renovação genuína do carisma e uma maior abertura missionária. Alguns alertam que a criação de novas fraternidades FSL não resolverá magicamente a crise espiritual, a menos que todos os frades vivenciem uma conversão interior. O carisma permanece vivo mesmo sem a FSL, desde que seja vivido com coerência.

5. Perspectivas das FSL para reavivar o nosso carisma na Ordem

Considerando os objetivos das FSL, que não são meras estruturas administrativas, mas catalisadoras espirituais, elas podem impactar positivamente toda a Ordem. A principal contribuição das FSL reside na sua capacidade de encarnar o essencial, libertando-se de estruturas onerosas e repensando os compromissos pastorais de modo a evitar tudo o que sufoque a vida fraterna. A vitalidade do projeto depende da observância fiel e autêntica de quatro dimensões que constituem a carta magna do nosso carisma: oração, fraternidade, pobreza/minoridade e missão. Sem essa autenticidade vivida, o projeto perde o seu sentido. A função primordial das FSL é "ser" antes de "fazer", como afirmam as nossas Constituições: "A vida fraterna é fruto e sinal do poder transformador do Evangelho e da vinda do Reino" (Const. 13, 4). A visibilidade de uma autêntica vida fraterna serve como lembrete vocacional e desafio positivo tanto para os próprios frades como para o mundo. Muitos veem as FSL como um teste para o futuro da Ordem, um laboratório de como viver o carisma no século XXI, marcado por mudanças culturais rápidas e profundas. A novidade do projeto reside na sua transcendência dos limites da própria Província, oferecendo uma resposta concreta à estagnação, especialmente no mundo ocidental, e à hiperatividade, especialmente nas regiões onde a Ordem está se desenvolvendo. A compreensão intercultural é considerada um recurso para a evangelização: demonstrar que irmãos e irmãs de diferentes culturas podem viver juntos em Cristo é, em si, um poderoso ato de testemunho evangélico em qualquer contexto cultural. As FSL permitem-nos manter ou estabelecer presenças em ambientes desafiadores (entre os pobres, migrantes e áreas secularizadas) onde o nosso carisma é urgentemente necessário e onde as províncias individuais não teriam forças para agir sozinhas. Permitem uma troca vital de recursos: por um lado, as províncias jovens, ricas em vocações, podem auxiliar aquelas com tradições antigas que estão em declínio com pessoal, garantindo a continuidade do nosso carisma. Por outro lado, os primeiros também podem se beneficiar da rica tradição carismática dos últimos, verificando como vivenciar o carisma em suas próprias condições culturais.

Contudo, as opiniões sobre a utilidade e aplicabilidade do projeto divergem conforme a localização geográfica das conferências. No contexto ocidental (Europa/América do Norte), o projeto é visto como vital e necessário para combater o envelhecimento e a redução numérica. Em contextos de crescimento numérico (África/Ásia), o projeto é por vezes percebido como desnecessário ou de difícil implementação devido a diferenças culturais e rituais. No contexto da América Latina, em alguns casos (por exemplo, na Amazônia) o projeto se mostra eficaz; em outros, é percebido como uma tentativa de "transplantar" um modelo europeu para um contexto latino-americano, com resultados limitados.

Para que as FSL alcancem seu objetivo — ajudar a reavivar nosso carisma nas diversas partes da Ordem — é importante:

Integração, não isolamento: É imprescindível que as FSL não sejam “ilhas” ou corpos estranhos. Elas devem interagir constantemente com as fraternidades locais da Circunscrição para fomentar a troca de dons e evitar a criação de divisões.

Formação específica: É necessária uma preparação completa dos frades participantes do projeto (especialmente linguística e intercultural), bem como acompanhamento espiritual constante.

Rotação e osmose: Sugere-se que a experiência não seja exclusiva de poucos: frades de diferentes partes do mundo devem poder visitar as FSL ou viver lá temporariamente e, em seguida, levar o espírito renovado de volta às suas próprias províncias. O processo de formação para irmãos em formação inicial poderia incluir uma experiência em uma das FSL. Isso enriqueceria e fortaleceria a transmissão do carisma aos jovens frades e formaria uma nova geração com sensibilidade missionária. De fato, a experiência vivida é mais poderosa do que simplesmente ouvir. Por outro lado, os frades que vivem na FSL também poderiam participar com mais frequência das diversas reuniões nas províncias para compartilhar suas experiências pessoalmente, superando a frieza dos documentos escritos.

Visibilidade e comunicação: Existe uma forte demanda por melhorias na qualidade e quantidade de informações, que muitas vezes são escassas ou inexistentes. As FSL devem aprender a se promover melhor. Recomenda-se o uso de vídeos, boletins informativos e depoimentos digitais que mostrem o cotidiano das fraternidades, e não apenas a teoria. A comunicação não deve ser esporádica. É necessário um fluxo contínuo de notícias (por meio do site da Ordem ou de cartas circulares) para apresentar a realidade atual passo a passo, criando um senso de familiaridade e pertencimento em toda a Ordem.

Apoio institucional: Os Ministros e Custódios devem ser os principais “sponsor” do projeto, fornecendo informações adequadas e permitindo a participação dos frades, ou mesmo convidando-os explicitamente a partir, superando a resistência local e o provincialismo. Para facilitar a internacionalização, eles também devem se concentrar seriamente na formação linguística dos frades (com base nos idiomas oficiais das Conferências), rompendo a barreira de comunicação que impede a participação de muitos candidatos.

Em síntese, as FSL são consideradas uma ferramenta válida e urgente para "romper os esquemas" e demonstrar que uma vida capuchinha autêntica é sempre possível. No entanto, sua existência só faz sentido se elas servirem de fermento para toda a Ordem, incentivando todas as fraternidades a repensarem suas vidas, em vez de se isolarem em busca da perfeição. O objetivo a longo prazo é que o espírito das FSL se torne a norma. Não deve haver dicotomia entre "fraternidades FSL" e "fraternidades comuns": toda Circunscrição deve se esforçar para alcançar esse modelo de renovação missionária. Alguns desafiaram, tanto em termos de tempo quanto de estratégia, a presença de uma FSL (ou uma fraternidade similar) em cada Província dentro de 10 anos, tornando-a parte integrante da estrutura da Ordem e não um elemento estranho.

6. As FSL no próximo CPO: laboratório prático para viver a missão e colaboração na Ordem

Uma análise das respostas destaca que as FSL não são percebidas como uma entidade isolada, mas como a síntese concreta e operacional dos dois temas principais do próximo Concílio Plenário: Missão e Colaboração. A constatação mais importante é que não há separação real entre FSL, Missão e Colaboração. As FSL são consideradas a personificação prática desses conceitos, "uma das expressões fundamentais" da dimensão missionária e da colaboração. Elas não são um "terceiro elemento", mas o ponto de convergência desses dois valores: a missão frutifica verdadeiramente na medida em que se realiza num sentido profundo da identidade carismática de cada um, e a colaboração internacional fortalece-a; a colaboração fraterna assume uma dimensão missionária, oferecendo um testemunho claro da vida evangélica e evitando ser reduzida à manutenção de estruturas, na medida em que se baseia no carisma compreendido e vivido em comum. Uma vez que a sobrevivência da Ordem e o seu dinamismo missionário dependem da capacidade de colaborar para além das fronteiras provinciais, as FSL são um laboratório para esse futuro necessário.

Em relação ao papel que as FSL devem desempenhar no próximo Conselho Plenário, surgem duas linhas de pensamento:

Muitos acreditam que as FSL não devem ser tratadas como um tópico separado ou isolado, mas sim discutida dentro dos temas de Missão e Colaboração. Tratá-las separadamente correria o risco de fazê-las parecer uma "iniciativa de nicho" para alguns frades, quando, na verdade, deveriam inspirar toda a Ordem.

Outros sustentam que, apesar de integradas, elas devem ocupar um espaço significativo ("uma grande parte do CPO") precisamente porque desafiam a capacidade de renovação e colaboração da Ordem, indo além das formas tradicionais de evangelização (paróquias e missões populares) já conhecidas.

Um ponto crucial que emergiu é a distinção qualitativa entre as FSL e as missões tradicionais. Enfatiza-se que as FSL se preocupam principalmente com a presença (viver as Constituições, a oração, a vida fraterna) e não apenas com a atividade missionária. Enquanto "missão" é frequentemente associada ao "fazer", as FSL devem testemunhar o "ser".



Em síntese, para o próximo CPO, as FSL não devem ser apresentadas como um "projeto especial" dissociado da realidade, mas como um laboratório prático onde a Ordem aprende a viver sua missão por meio da colaboração e a vivenciar essa colaboração de maneira missionária. Elas são a prova de que a teoria do CPO pode se tornar vida vivida.